

O “PORTUNHOL SALBAJE” COMO A ENUNCIACÃO DO PENSAMENTO FRONTEIRIÇO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Jaqueline Alonso Braga de Oliveira (UFMS)
jaqueline.oliveira@ifms.edu.br

A experiência de leitura da literatura do poeta fronteiriço Douglas Diegues é um exemplo de como a língua simula o sentido de homogeneidade no plano da forma. Ela parece uma, por apresentar regularidade e similitudes, estruturas e padrões, mas, ao ser movimentada em diferentes contextos, ser usada, ser falada, perde a aparência intacta e fixa que a forma das letras pode insinuar. No soneto “Por que escrebo”, do livro “Una flor na solapa da miséria”, há características formais de mais de um idioma compondo a mesma sintaxe. O próprio poeta propõe a escrita em outro campo linguístico, nomeado por ele como “portunhol salbaje”, e a essa proposta observaremos a possibilidade de discurso descolonial, uma vez que o “portunhol salbaje” se constitui como uma opção outra ao juntar o que é tratado como diferente. A proposta do “portunhol salbaje” é apresentada na introdução do livro, na qual Diegues explica que o “portunhol salbaje” é a língua usada pelo povo da fronteira Brasil-Paraguai. A partir disso, procurarei estabelecer um diálogo teórico pelo panorama da fronteira, da coexistência de línguas, da globalização e dos discursos capitalistas e coloniais, e pelos conceitos de língua que atravessam(ram) a minha fala até aqui. Para tanto – para pensar o conceito de língua a partir do meu bios e do meu *locus* –, este exercício analítico está ancorado na proposta Crítica biográfica fronteiriça de Edgar César Nolasco, fundamentado no conceito de exterioridade (MIGNOLO).

Palavras-chave:

Douglas Diegues. Epistemologia fronteiriça. “Portunhol salbaje”.